

Um saber que me faz mestra: cura, devoção e política no quilombo da Serra do Evaristo

Maria do Socorro Fernandes¹

Bruno Goulart²

Levi Fernandes³

Eu vim da mãe África, eu vim do Quilombo
Já fizeram tanto pr'eu tombar, mas eu não tombo

Resumo: Construído de forma coletiva, o texto aqui apresentado é uma narrativa em primeira pessoa sobre a formação e atuação da mestra Maria do Socorro em diversas áreas dos saberes, que vão desde processos de mediação política, passando pelos saberes da cura e a devoção a São Gonçalo. O escrito aqui apresentado nasceu de uma amizade e colaboração entre a mestra, seu filho e um professor universitário no contexto do projeto de extensão Encontro de Saberes na UNILAB, parte da experiência nacional do projeto Encontro de Saberes, coordenado pelo INCTI/UnB. A mestra pertence à comunidade quilombola da Serra do Evaristo, situada no município de Baturité (CE).

Palavras-chaves: Encontro de Saberes; Mestra Maria do Socorro; Quilombo da Serra do Evaristo, práticas de cura, danças tradicionais

A knowledge that makes me a master: healing practices, religious devotion and politics in the quilombola Community of Serra do Evaristo

Abstracted: Wrote collectively, this text is a first-person narrative about the training and performance of master Maria do Socorro in various areas of knowledge, ranging from political mediation processes, through knowledge of healing and devotion to *São Gonçalo*. The writing presented here was born from a friendship and collaboration between the master, her son and a university professor in the context of the Meeting of Knowledges project at UNILAB, part of the a large and national project, coordinated by INCTI/UnB. The master belongs to the *quilombola* community of Serra do Evaristo, located in the municipality of Baturité (CE).

Key Words: Meeting of Knowledges; Master Maria do Socorro, Serra do Evaristo community; healing practices; traditional dances

¹ Quilombola, mestra dos saberes da Dança de São Gonçalo e da medicina caseira e liderança política da comunidade da Serra do Evaristo (Baturité-CE).

² Antropólogo, professor efetivo da UNILAB

³ Bacharel em Humanidades e graduando do curso de Bacharelado em Antropologia na UNILAB.

APRESENTAÇÃO

Em agosto de 2021, o docente responsável pela disciplina Estudos das Performances do curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Bruno Goulart, se inspirando no projeto Encontro de Saberes⁴, teve a iniciativa de convidar mestres e mestras de tradições performáticas diversas para apresentar suas trajetórias e experiências com performances religiosas e lúdicas. O foco era em performances constituídas por aquilo que Zeca Ligiéro (2011) chamou de motrizes culturais africanas e seus sujeitos de referência, que chamamos aqui de mestres e mestras. Partíamos do entendimento de que mestres e mestras era uma categoria de política pública que nomeava aqueles que são:

a) detentores dos saberes, muitas vezes ancestrais, das religiões afro-brasileiras, dos povos e comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais, assim como das práticas relacionadas ao universo das culturas populares; b) reconhecidos por suas comunidades e coletividades como possuindo um saber notório; c) responsáveis por criar e transmitir esse conhecimento. (GOULART, 2021, p. 149).

Uma dessas convidadas para participar da disciplina era a mestra Maria do Socorro. Uma liderança política quilombola para sua comunidade e outras do Ceará, a mestra era também uma referência na medicina caseira⁵ e na Dança de São Gonçalo. Na ocasião, um aluno que cursava a disciplina, Levi Fernandes, ao saber do intuito de convidar a mestra, se prontificou em ajudar no processo de mediação do convite pois, por um acaso do destino, ele era o filho dela.

Deste contato inicial com a mestra e seu filho uma parceria se estabeleceu, e a partir daí a mestra se tornou uma presença constante no contexto do projeto de extensão Encontro de Saberes na UNILAB, tendo participado das edições das disciplinas nos anos de 2021, 2022 e 2023. Sobre a experiência da mestra em sala de aula, tomo aqui a reflexão de Hartmann, Carvalho e Silva (2019), para quem a presença desses

⁴ O projeto Encontro de Saberes, coordenado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), com sede na UnB, promove a presença de mestres e mestras de distintas áreas dos saberes não acadêmicos nas universidades enquanto docentes. O projeto é tema de uma vasta discussão e produção acadêmica (CARVALHO, 2018, 2016; GUIMARÃES, César; et al, 2016; INCTI, 2019).

⁵ Medicina caseira é o termo empregado pela mestra e sua comunidade para se referir às práticas que na academia se convencionou a chamar de medicina tradicional ou saberes das plantas medicinais.

mestres promove diversas transformações da experiência de ensino, ao trazer a biografia como base e premissa dos seus saberes, a vivência como experiência de aprendizagem e não mais serem vistos como potenciais objetos de pesquisa, e sim como sujeitos de conhecimento. Dentre essas transformações, no âmbito das performances, as(os) autoras(es) (HARTMANN; et al., 2019) destacam a “dimensão etnográfica”, pois aqui “a descrição é oferecida pelos próprios mestres”, que formulam “suas próprias categorias de análise”; a “dimensão artística”, pois os convidados(as) “partilham valores estéticos próprios, específicos, diferenciados, com códigos e identificações que muitas vezes se manifestam no corpo”; e, por fim, a “dimensão pedagógica”, “porque ensinam os seus gêneros e rituais com seus métodos próprios de transmissão, sem a necessidade da tradução, que até agora era exercitada exclusivamente pela nossa classe de docentes acadêmicos” (HARTAMAN; et al., 2019, p. 28). Além dessas transformações, destacaria também o campo da escrita, que passa a se abrir para experiências coletivas e colaborativas, nascida da encruzilhada entre letramento e oralidade, como é o caso do próprio dossiê na qual este texto faz parte.

Foi a partir dessas leituras, escutas, falas e trocas que surgiu a ideia de construir um texto no qual a mestra pudesse contar sobre sua trajetória e falasse um pouco sobre os saberes que guarda e transmite para as novas gerações do quilombo e agora para a universidade, em consonância com o que vinha expondo nas suas participações em atividades da UNILAB.

Com a ideia no horizonte passamos a conceber uma forma na qual poderíamos construí-lo. Como estratégia adotamos um processo de trabalho longo e de fluxo constante entre oralidade e escrita. Primeiro organizamos uma entrevista, na qual construímos de forma coletiva os tópicos e assuntos que seriam abordados na mesma. A construção dos tópicos da entrevista tomou como ponto de partida a constância de temas, narrativas e teorias que foram sendo elaboradas por Maria do Socorro ao longo destes anos de participação no projeto. Posteriormente, iniciamos a transcrição da entrevista, que ficou à cargo do seu filho e discente da UNILAB, Levi Fernandes. O processo de transcrição foi muito rico e na presença da mestra, que escutava a leitura da transcrição e intervia na sua fala, solicitando que informações fossem acrescentadas, modificadas ou retiradas. A partir disso, o docente trabalhava num processo de edição dessa narrativa para o contexto da escrita, procurando respeitar a

estética de sua fala, mas tendo no horizonte que agora não se tratava mais de uma transcrição de uma entrevista, mas de um texto no qual a entrevista prévia serviu apenas como suporte e ponto de partida metodológico.

O que foi produzido por esse contato é um texto que fala da sua trajetória, destacando sua enorme importância e contribuição para a formação da comunidade da Serra do Evaristo, sua participação durante a certificação como comunidade quilombola, todas as lutas enfrentadas para se conseguir espaço na política e como ela vai se constituindo em uma referência dentro das tradições existentes no quilombo como a medicina caseira, as celebrações religiosas e a dança de São Gonçalo, na qual é guia há mais de 15 anos.

Apesar de ser uma produção coletiva, o texto abaixo é narrado em primeira pessoa, pois mesmo como nossa intervenção para transformar oralidade em texto, as ideias aqui presentes e a condução do raciocínio é de autoria da mestra e nada foi feito sem seu consentimento e colaboração.

O que se segue é um presente na forma de uma introdução ao pensamento da mestra, aberto para quem quiser aprender e se encontrar com outras formas de conhecimento e de ler o mundo no qual fé e política, coletivo e individual se complementam nos ofertando uma epistemologia própria cultivada na experiência e resistência afro-diaspórica.

MINHA FORMAÇÃO POLÍTICA E ESPIRITUAL NO QUILOMBO DA SERRA DO EVARISTO.

Sou Maria do Socorro Fernandes Castro, tenho 57 anos, sou casada mãe três filhos, mulher negra nascida e criada no quilombo Serra do Evaristo, que fica no município do Baturité, estado do Ceará. A minha comunidade tem esse nome por conta de um antigo morador, mas antigamente ninguém sabia qual era seu verdadeiro nome, se era Evaristo ou se tinha outro nome. E quem é daqui e mora aqui, tem um carinho muito grande pela comunidade, é tanto que daqui da comunidade o povo não quer sair mais, só vão porque é o jeito, porque todos gostam de viver no quilombo. Outros vão embora, porque venderam o que tinha aqui, mas agora estão querendo voltar para cá, perguntando se tem um pedacinho de terra para vender. Eles perderam e essas mais de 160 famílias que moram aqui não querem sair de jeito nenhum, é um verdadeiro sentimento de pertencer ao território.

Eu nasci e fui criada dentro desse território. Minha família era pobre e a comunidade era esquecida e sofria com muita pobreza. E nessa situação eu e os outros moradores fomos sujeitos ao trabalho alugado para os patrões mais ricos, para poder cuidar de nossas famílias. Nossos pais trabalhavam na agricultura e moravam em uma casinha, um casebre, com portas de palhas, paredes feitas de barro, telhado de palha, e isso era a realidade das primeiras famílias que moravam aqui no Quilombo. Eu vivi esse sofrimento junto com meus pais e meus seis irmãos. No trabalho alugado, quando meu pai pegava um saco de milho emprestado, ele tinha que devolver dois a mais para o patrão, assim era o trabalho alugado.

Isso começa a mudar no ano de 1980, quando nasceu um grupo de jovens aqui na serra acompanhado de um padre de Baturité que trabalhava com o movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS)⁶. Esse grupo, com mais ou menos dez jovens, começou a se interessar por esse movimento, tendo em vista todo sofrimento passado por nossos pais nas mãos dos patrões, que apesar de ajudar, às vezes exploravam muito e ficavam mais ricos, e os moradores ficavam mais pobres. Com isso o grupo foi continuando e se fortificando, vendo outros movimentos para se engajarem mais, e eu sempre junto com esse movimento e através dele que eu conheci o meu esposo Antônio Aldemir de Castro que namorei seis anos e logo depois me casei.

Esse grupo se formou para buscar melhorias e defender a comunidade de todo tipo de sofrimento. O tempo era muito difícil e os patrões ficaram contra o grupo e contra as famílias, mas mesmo assim o grupo resistiu e hoje podemos ver essa união ainda dentro da comunidade. Partindo disso foi formada uma associação, juntando mais gente, e dentro dessa associação foi criado um mutirão, que era para ir trabalhando e ajudando uns aos outros. Era assim que funcionava o mutirão: hoje nós escolhemos um dia para ir para o seu roçado, então todos nós do grupo de mutirão íamos para o seu roçado, e no outro dia já era de outra pessoa, assim era toda semana. Com isso fomos escapando dos patrões, e graças a Deus esse dia chegou, e os moradores foram libertados desses tipos de trabalho.

Quando eu falo sobre o processo de libertação, eu digo que esse processo foi concedido através da nossa resistência e coragem de enfrentar. Ninguém cruzou os

⁶ As Comunidades Eclesiais de Base são ligadas à Igreja Católica e com vínculo com a Teologia da Libertação que tiveram presença principalmente nas décadas de 1970 e 1980 na América Latina.

braços perante as injustiças, a juventude no quilombo é uma fonte de vida, porque foi através dela e do grupo Unidos Venceremos que trouxemos a liberdade não só para o grupo, mas para todos da comunidade, principalmente através do movimento de organização e dos mutirões. Mesmo depois da liberdade do trabalho alugado, um trabalho muito injusto, mesmo depois de sair desse sofrimento, a comunidade continuava esquecida e o voto de cabresto era bastante presente na comunidade.

Aqui na nossa comunidade era um curral eleitoral – nos tempos de eleição vários candidatos surgiam para a compra de votos dos moradores. As pessoas que tinham consciência limpa não vendiam seu voto, pois aprenderam com o movimento das CEBS e com o grupo de jovens. Mas as outras pessoas vendiam o seu voto por um par de chinelas, remédios, roupas, entre outras – assim era naquele tempo. Eu me recordo muito quando entrei na política, através desse grupo de jovens e de meu marido, Antônio Aldemir, que também é uma pessoa que enfrentou e enfrenta muitas coisas por nossa comunidade – e eu sempre junto com ele. No tempo de eleições, apesar do patrão do meu pai chamar o nosso grupo de comunistas, eu, como era muito obediente ao meu pai, tive que votar no candidato mandado por seu patrão – então o meu primeiro voto foi o chamado voto de cabresto.

Depois apareceu um grupo de jovens de Baturité que nos ajudou a compreender melhor a política, e com isso depois dos meus 18 anos entrei de vez na política defendendo as lutas, participando e organizando manifestações. Até hoje as pessoas ainda tem a minha pessoa como referência política dentro e fora da comunidade da Serra do Evaristo. Tempos atrás as pessoas de outras comunidades chamavam os moradores do quilombo e o grupo de jovens de baderneiros, negros do Evaristo. Na década de 1990, em um ano que o inverno não foi muito bom, muitos moradores começaram a passar necessidades tanto de comida como de remédios, e o prefeito não ajudava a comunidade, então os movimentos do grupo de jovens junto com o sindicato dos trabalhadores rurais e os moradores do Quilombo e de outras comunidades – que viram que o Quilombo ia à luta e decidiram ir também –, foi feito um ato político em um estabelecimento (mercantil) que era ligado ao prefeito e por conta da necessidade foi invadido esse mercantil em busca de comida, já que o prefeito não ajudava, e esse foi o jeito passar por essa situação.

Nesse dia muitos moradores conseguiram pegar algum alimento, mas o prefeito colocou a polícia pra prender a gente e trazer de volta a mercadoria que foi levada, esse foi o jeito que tivemos pra ter alguma resposta do prefeito, e foi a partir desse episódio que o prefeito começou a nos escutar e atender nossas demandas. Mas foi aquele grupo de jovens, que organizavam os mutirões, participavam da associação, dos movimentos políticos e de outros movimentos, foram eles que tiraram todos os moradores do Quilombo daquele sofrimento. Por isso, a palavra que eu tenho a dizer sobre nossa história é resistência.

Eu vejo hoje que minha luta política no passado, toda a resistência, minha coragem para enfrentar meu pai, faz com que eu ensine isso para os novos jovens da comunidade a buscar sempre novas conquistas e não poder parar no tempo. Durante minha participação na política eu fui candidata à vereadora no município de Baturité no ano de 1996 e consegui 104 votos, que não foram suficientes para me eleger, mas serviu como aprendizado e atualmente ainda sou procurada para me candidatar novamente, mas prefiro ficar só na organização.

Durante muito tempo eu fiz parte de várias instituições, de sindicatos – fui uma das fundadoras do Sindicato dos Servidores Públicos fazendo parte da diretoria –, e assim sempre trazendo conhecimento e deixando para os mais novos, tentando explicar para eles que foi sofrido nosso tempo passado, nos acampamentos, nas estradas e manifestações – algumas delas eu estava grávida –, tudo isso em prol da comunidade e em busca de novas conquistas e melhorias para todos nós.

Outro acontecimento importante aqui foi que em 2009 começou na nossa comunidade a visitar um pessoal da UNEGRO⁷. No início todo mundo ficou assustado, porque ninguém sabia, nós enfrentávamos todo tipo de luta, mas ninguém sabia que nós éramos um território quilombola, e foi quando em 2009 apareceu um casal que pediu para se reunir com a associação.

O pessoal ficava assustado querendo saber quem eram e o que queriam, foi aí que começamos a visitar os moradores fazendo o convite para nos reunirmos e o pessoal da UNEGRO começou a explicar todo o processo e o que era isso de certificação

⁷ UNEGRO, União de Negros e Negras pela Igualdade Racial, movimento criado na década de 1980 em Salvador (BA) e quem tem atuação no município e Baturité (CE).

para comunidade quilombola. Foi quando alguns moradores começaram a abrir a mente e outros não, outros continuavam com medo desse povo.

Foram sem querer aceitar, quando falava que o pessoal vinha de novo, “Ave Maria”, o pessoal perguntava entre si: “Vocês vão para essa reunião? Ah, eu não vou!”. Aquilo ali o pessoal comparava até as pessoas de fora com bandido, assim como hoje o racismo está muito presente, os moradores daqui tinham racismo também, e assim ficavam sem querer aceitar o povo aqui. Só que o grupo de jovens e os outros moradores se intensificaram cada vez mais, querendo conhecer, querendo conversar e com isso o pessoal da UNEGRO passou a frequentar ainda mais nossa comunidade. Foi quando em 2010 para 2011, foi ficando mais forte essa participação do pessoal, aí não veio mais só o casal da UNEGRO, mas já veio mais gente. Aí nós criamos mais ânimo, fomos se fortalecendo mais e mais, e foi quando foram convidados mais uma vez esse pessoal para vir aqui.

Isso foi ao mesmo tempo que nós começamos a fazer a escavação para fazer cisternas, e os primeiros moradores de lá da escola do quilombo foram cavar um buraco da cisterna e encontraram uma urna, um pote bem grande. “Vixi meu Deus”, foi uma admiração muito grande. E esse pote o que é? Aí muitos deles diziam que esse pote foram os povos que deixaram com dinheiro dentro, era até uma botija, o povo chamava de botija, tinha era dinheiro dentro, foram as almas que deixaram, “vocês têm coragem de arrancar?”, diziam. E o morador teve coragem, o rapaz arrancou e dentro encontrou alguns ossos, alguns pertences das pessoas antigas, aí o negócio foi cada vez mais forte, nós querendo descobrir o que era aquilo.

Outro dia nós saímos da igreja e o rapaz que já faleceu, o rapaz das lendas, o Alfredo, na saída da igreja, encontrou uma roda de um formato de uma urna, um pote, não sei, ele olhou aí disse “Socorro, aqui tem outra urna”, aí ele mesmo foi e arrancou com muito cuidado, trouxe para casa dele, aí ficou esses dois potes para a gente saber o que era. Foi a partir disso que foi convidado o IPHAN para vir aqui para fazer uma pesquisa, para ver o que era aquilo ali. Porque nós mesmos não sabíamos o que era, então a gente solicitou a presença do IPHAN e eles vieram, ficaram ali perto da escola e foi quando eles encontraram mais e mais material arqueológico, aí foi a descoberta mesmo, a descoberta que aqui no nosso quilombo foram sepultados os índios, aqui foi descoberto um grande cemitério indígena. Então os primeiros foram os índios que

chegaram aqui e em seguida vieram os negros, os índios não ficaram, mas os quilombolas ficaram. Foi aí que começamos a descobrir, através do IPHAN, que logo em seguida já começou as escavações com a presença dos jovens da própria comunidade ajudando, e com isso foi descoberto muita coisa.

E desse tempo para cá a comunidade foi reconhecida e recebeu o certificado de Comunidade Quilombola pela Fundação Palmares em 2010, e nós temos o certificado e hoje nós somos considerados como comunidade remanescente de Quilombo, com traços de negros e indígenas.

Durante esses 36 anos de experiência de vida que eu sou casada e que vivi minha adolescência muito sofrida, mas muito gostosa, porque era perto da minha família, trabalhei da minha infância até chegar à adolescência, eu também era uma pessoa que gostava de cuidar muito de criança. Você pensa como era naquele tempo o sofrimento das mães: elas iam trabalhar na roça deixava um tanto de menino para eu cuidar e eu dava conta das crianças, as mães saíam e diziam, “vou deixar com a Socorro porque ela dá conta”. E eu dava mesmo porque eu gostava muito de criança, até hoje, e por conta disso, eu com 18 anos fui convidada para trabalhar na creche. Eu não tinha ensino médio, não tinha nada, porque eu só estudei, na época, até a quarta série, mas mesmo assim fui convidada. A prefeitura ia fazer uma creche aqui em 1984, e tinha uma pessoa da prefeitura que me conhecia e sabia que eu gostava muito de criança. E então eles me perguntaram se eu queria trabalhar na creche com as crianças e eu disse “quero”. A partir disso eu fiquei 31 anos e seis meses da minha vida na escola. Sem esquecer que na igreja eu comecei desde o grupo de jovens, sendo liderança, catequista, catequizava tanta criança. Meu gosto pela igreja era muito, gostava de acompanhar as famílias que tinham devoção, a tradição daqui e a religiosidade eram muito fortes, ainda é. Eu já menininha participava de todos esses momentos, orações do terço, e em seguida tinha celebrações que eu ia também, depois fui coordenar o grupo de jovens. Com isso comecei a introduzir e perseverar mais na comunidade e hoje o pessoal me dá o nome de “animadora da comunidade”, e eu estou levando em frente essa missão, a tradição e a cultura.

E uma das nossas tradições aqui, muito antiga, são os novenários de São João Batista, que acontece no mês de junho. Uma novena bastante animada, que eu aprendi com uma senhora que era guia da dança de São Gonçalo, Dona Feliciano. Eu não sei se

eu nasci com esse dom, ela rezava em latim e naquela época os Padres rezavam de costas para o povo e ela aprendeu. Ela era bisavô dos meus meninos e eu sempre a acompanhava nos terços, nas novenas, porque na época as Novenas de São João era na casa dela, e lá eu a escutava cantar e ela cantava a ladainha em latim, um canto muito bonito e eu dizia “meu Deus que canto bonito, mas o que significa?”. Eu fui tomando gosto e gosto, e hoje sou eu que estou rezando as Novenas de São João Batista no lugar dela e também a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, que há tantos anos é nossa padroeira, eu também estou lá, dando a minha contribuição. Então, esse envolvimento meu na política sempre veio junto com a espiritualidade. Eu tenho que trabalhar a minha espiritualidade, e eu sempre gostei e gosto de preservar, de trabalhar, sempre a humildade. Até porque eu vim de família tão pobre, minha mãezinha era tão humilde e era uma pessoa respeitada demais. Então eu também continuo preservando sempre aquela cultura que meus pais me ensinaram que é a cultura do respeito, do amor pelo outro, de você gostar das pessoas.

Nossa comunidade depois que foi reconhecida como quilombola teve muitos movimentos, tem mês que a gente recebe muitas visitas e o professor Evandro já organiza tudo e eu ajudo na parte da animação junto com o grupo dos tambores. São mais de seis adolescentes que eu acompanho no grupo dos tambores e quando a gente é convidado para receber alguém, nós vamos para o Ponto de Cultura do Evaristo⁸ e lá, com aquela animação, nós acolhemos o povo. E sem contar que durante o ano nós da associação temos muitas atividades e sempre quem tá no meio é a Dona Socorro, e eu não posso fugir porque quanto tempo eu tiver, tiver voz para cantar, falar e animar, eu estarei presente.

⁸ Ponto de Cultura do Evaristo é um ponto de cultura reconhecido pelo Ministério da Cultura. Os Pontos de Cultura são uma política cultural, parte do programa Cultura Viva, que, por sua vez, “se fundamenta no reconhecimento do papel estratégico da cultura como base da construção e preservação da identidade brasileira, entendida no plural, e como espaço para a conquista da plena cidadania” (BARROS, ZIVIANI, 2011, p. 63). Sobre os Pontos de Cultura, Célio Turino, um dos idealizadores do Cultura Viva, explica que “Geralmente quando se fala em democratização, pensamos em levar a cultura às comunidades. Mas partimos do inverso, partimos em busca da potência. Pegamos o que as comunidades já fazem, e a partir disso articulamos as ações. Normalmente, um projeto assim começaria pela construção de um prédio, mas abolimos isso e nos voltamos para outro foco: investir no fluxo. São as pessoas que garantem a cultura, não a estrutura física. Não há nenhum Ponto de Cultura igual a outro, o único elemento comum a todos eles é o estúdio multimídia. Isso demonstra nossa preocupação: fornecer os meios para quem já produz cultura. Com o estúdio, eles podem fazer vídeos, fotos, arquivos de áudio e outros materiais pertinentes à comunidade” (CÉLIO TURINO, 2009).

Nós também saímos do quilombo para ir para outras comunidades para animar as novenas dos seus padroeiros, então nós não ficamos só aqui, mas também nos fazemos presente muito na vida do povo de fora. Sem contar que eu também sou missionária⁹. Nessas outras cidades, sempre quando vai acontecer missão, eu passo quatro cinco dias naquela comunidade fazendo visita com a família, conversando. É um trabalho tão bom que quando eu volto pra casa o pessoal fica perguntando, ligando pra mim, perguntando quando é que eu vou voltar de novo, mas nunca mais eu volto. Não sei porquê, mas eu sinto necessidade sabe, então é essa a minha vida, um pouco do que é a minha história de vida aqui dentro do quilombo, que é animar na medida do que eu posso, animar comunidade e animar o povo por aí fora, com a minha voz, com o meu canto, pois o povo se agrada das nossas animações e minha vida é assim.

Outra experiência que gosto de lembrar foi em 2003 quando participei de um Congresso da comunidade Kolping¹⁰ em São Paulo, um movimento que a Associação Quilombola faz parte. E através desse movimento o nome da nossa comunidade agora é Comunidade Kolping Quilombola Serra do Evaristo. Então, eu tive a graça de participar desse congresso em São Paulo que foi muito bom, mas antes, em 2000, já tinha viajado para Brasília e participei dos movimentos das mulheres que foi a Marchas das Margaridas¹¹. Passei uma semana em Brasília. Na época era aquele presidente, Fernando Henrique Cardoso. Nós sofremos muito, ele colocou os cavalos, os cachorros em cima da gente, nós dormíamos no meio da rua, mas tudo isso foi a minha resistência até hoje.

A MEDICINA CASEIRA

Além da minha formação política e espiritual, eu também quero falar um pouco do meu trabalho com a medicina caseira. O meu interesse nesse saber veio desde quando eu era criancinha, acho que eu tinha quatro, cinco anos, e eu já presenciava os mais velhos, os nossos ancestrais que já faleceram – isso já foi herança deixada por

⁹ Mestra Maria do Socorro é missionária da Igreja Católica, em específico da Kolpling Brasil, organização social com sede na Alemanha.

¹⁰ De acordo com seu site oficial, a Kolpling “é uma associação sem fins lucrativos que atua na superação da pobreza por meio de formação e trabalho” e que atua no Brasil desde a década de 1920 (QUEM SOMOS, 2023).

¹¹ A data de realização da primeira marcha foi exatamente a que a mestra participou, em 12 de agosto de 2000 em Brasília, reunindo agricultoras, quilombolas, pescadoras, indígenas e extrativistas. Desde então a marcha teve mais de 5 edições.

eles. Porque essa prática dos remédios caseiros já vem de longe, exatamente dos avós dos meus meninos, da minha mãe que sempre fazia essa experiência. Porque eu via que naquele tempo, os médicos eram muito difíceis, os medicamentos eram muito distantes de nós, nós pobres éramos esquecidos, não tinha saúde e nossos ancestrais já faziam isso, já curavam muitas crianças, adultos, através da xaropada, as garrafadas, os lambedores, que eles faziam na comunidade, eu sempre via. Eles eram chamados de *mesieros*, que são aqueles que trabalham com chás, fitoterapia, eles faziam e curava – quantas vidas foram salvas através da fé daquele povo.

Então eu vendo aquilo, a minha mãe com a gente tudo criança com uma gripe muito grande, ela no fogão a lenha fazendo remédio com tanta fé e fazendo tudo direitinho com as plantas. Inclusive as mesmas plantas que hoje eu uso, ela já usava naquele tempo e curava, nós ficávamos bom da gripe de tão grande era a fé. Então tudo aquilo ali eu via, eu era curiosa, brincava e tudo, mas sempre curiosa. Quando eu via alguma coisa que me interessava eu prestava muita atenção e aprendi com ela a fazer o lambedor e depois com minha sogra do mesmo jeito.

Eu tive aquela vontade também, na época eu ainda adolescente pensava que um dia ia precisar, porque vou me casar, vou ter filho, então me aproximei mais e ajudava minha mãe. Quando a mãe me pedia para buscar a hortelã eu ficava perguntando "mãe o que é hortelã?", aí eu trazia a hortelã e ela ficava fazendo e eu vendo preparando.

Depois que me casei, tive os meninos, eles gripavam, tinham febre e nesse tempo os médicos eram mais favoráveis, mas eu acreditava naquilo ali, naquela experiência de vida, eu acreditava muito, eu não queria levar meu filho para um posto de saúde que às vezes não tinha necessidade. Você levava a criança para lá com alguma gripe e quando ela voltava já vinha com outra coisa, então eu acreditava muito no meu aprendizado e no conhecimento que alguém repassou para mim.

Eu fui amadurecendo e quando foi em 1996 foi convidado um grupo da comunidade para participar de um encontro das plantas medicinais em Baturité. Eu disse, "agora chegou minha vez. Eu já sei, mas agora vou me aperfeiçoar mais", e foi no tempo que o Batista, colega da gente, daqui de dentro de casa, e que eu tenho muita dedicação por ele, foi ele que fez o convite. E nós formamos um grupo de mulheres, nós éramos um grupo de dez mulheres e tinha que ir para Baturité dia de

domingo. Quando chegamos, participamos das formações, com a presença da mestra da cultura de Canindé, Odete Uchôa – que é referência na medicina caseira. Veio também um missionário, Padre Elias, e com isso o grupo cresceu. Eram umas oito comunidades que participavam das formações e daqui do quilombo dez mulheres. Mas com o passar do tempo as outras comunidades acabaram não querendo seguir em frente, mas a nossa permaneceu e mesmo com o grupo diminuindo – porque as mulheres mais velhas do que eu, acabaram desistindo e eu continuei –, eu tentei formar outro grupo de pessoas mais novas e deu certo. As mais novas iam comigo e tive como missão se destacar mais, porque eu ia participar de formações na Paraíba, no Canindé, em Fortaleza; eu chegava em Fortaleza às 18 horas da tarde quando nós íamos voltar de Fortaleza já era meia-noite. Mas isso pra mim era uma missão e que eu sei que no fundo já tenho curado muitas pessoas aqui na nossa comunidade e nas comunidades vizinhas.

Hoje eu sou coordenadora do grupo e as outras companheiras estão sempre comigo, o organizador do grupo, o professor Evandro, que na medida do possível está com a gente, ajuda a manter esse projeto de vida dando continuidade, pois o grupo diminuiu, mas a boa vontade das cinco pessoas que tem agora é muito maior do que o valor de dez ou quinze mulheres. Porque muitos projetos já vieram para a comunidade: artesanatos, projeto de criação de galinhas, de cabras, mas o nosso da medicina caseira permaneceu e os outros grupos acabaram.

Então a minha referência aqui junto com minhas colegas é muito valiosa, não só a minha pessoa, mas o que eu faço para que seja para o bem da comunidade, das comunidades e que vai mais além. É isso que a gente faz com muito gosto, sem visar o lucro porque eu não gosto disso, eu nunca gostei disso. Às vezes eu fico questionando a minha própria vida, porque que hoje eu recebi esse nome de mestre da cultura? Porque fui reconhecida pela câmara dos vereadores de Baturité em 2018? E meus meninos dizem, “A mãe abandona nós para ajudar os outros”, e eu digo, “É meu filho, enquanto eu for viva é desse jeito mesmo, eu tenho que levar em frente”.

Então o grupo permanece. Quando precisa ir participar de alguma formação a gente vai conhecendo melhor as plantas, tendo muito cuidado. E um desafio que

enfrentamos é esse negócio da ANVISA¹². Eu temo isso, porque o grupo de medicina caseira da minha colega foi perseguido, e eu tenho muito medo do nosso também ser. É tanto que as pessoas quando vêm pra gente passar algum remédio eu vou pesquisar em muitos livros que eu tenho ali, pesquiso direitinho pra eu não passar nada à toa e nem fazer mal, levando sempre em conta o valor da vida, e sempre pedindo o discernimento do Espírito Santo e de Nossa Senhora da Conceição, que é com quem eu me apego, e meu colar que tá no meu pescoço, não por acaso, pois ele me ajuda muito me dá força.

E eu fui sempre uma pessoa que busca muito mais, conhecer mais, não só pelo fato de ter os livros e já ter esses conhecimentos de alguém, eu não paro só por aqui, eu vou à busca de outras pessoas, porque a gente não pode dizer que sabe de tudo. Não! Eu sempre vou à busca de pessoas que também fazem parte do grupo, que também tem ideias novas e a gente fica sempre inovando e não devemos parar só naquilo ali que eu já sei, mas eu vou buscar mais e mais.

Sobre as plantas medicinais, as que eu utilizo mais é a Hortelã, o Malvarisco, a Corama, a Alfavaca, que essas são as plantas mais comuns da comunidade. Tem também o Eucalipto. Mas isso tudo de uma forma que eu vou sempre vendo como essas plantas podem curar, porque assim como elas ajudam na cura, elas podem também fazer mal a outra coisa. É uma ciência muito grande de Deus trabalhar com as plantas, mas as que eu uso mais são essas daí e as pessoas que tomam o xarope, todas se dão muito bem.

Na hora que eu estou fazendo, seja o xarope ou seja a tintura, eu pergunto a mim mesma...Por exemplo, a casca de aroeira a gente pensa que todo mundo pode tomar, mas não, não é todo mundo que pode tomar, isso pode trazer problema, aí eu pergunto para mim mesma, se eu aceitar eu já sei, se não...Até quando eu estou preparando a tintura, cada uma das plantas eu fico pegando e converso e fico conversando. O pessoal fica perguntando assim, quando a senhora vai fazer algum remédio você fala alguma coisa? Faz alguma oração? Aí eu digo que rezo ou então eu canto, através do canto da igreja que eu gosto, uma oração, aí a planta vai me responder. Os cuidados que temos com as plantas é logo na colheita, na colheita você

¹² ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

já conversa com elas, você pede "hortelã posso usar desse tanto?", aí ela vai respondendo, quando não pode, ela murcha então eu não mexo nela ali.

Outra coisa, as plantas têm que ser colhidas às 6 horas da manhã ou então às 18 horas da tarde. Outra ciência é que não podemos colocar uma folha do Agrião ou da Tansagem perfurada, algum bicho foi lá e perfurou-a, não podemos usá-la de jeito nenhum, pode deixá-la lá. A casca também se tiver um pouco de mofo ou fungo não podemos usar de jeito nenhum, é assim no chá e também para preparar as garrafadas que a gente faz.

Eu não posso ir ao canteiro se eu tiver com algum problema, seja familiar ou na própria comunidade, que eu possa estar com aquele sentimento que não é bom. Então nesse dia eu não vou buscar ela não, não vou, eu tenho que ir no dia que eu estou bem, tanto ir colher as plantas no canteiro como fazer os remédios aqui em casa, se eu não tiver bem com a vida eu nem me meto, por que não dá certo.

E outra coisa, se eu estiver aqui preparando qualquer uma dessas garrafadas e chegar uma pessoa que não vier em paz, sem alegria e sem harmonia, pode ter certeza, ou o remédio sai grosso demais ou então sai bem fininho, aí já era. Tanto quem tá fazendo, quanto a outra pessoa tem que estar em paz, é tanto que quando eu estou fazendo eu ligo esse rádio em uma musiquinha, aí pronto, estou sozinha, nem os meninos estão em casa, aí é bom, ele sai até mais rápido.

E foi através da necessidade do povo e da medicina caseira que resolvemos dar mais um passo nessa experiência e criar o espaço da saúde alternativa. O espaço surgiu tanto através de toda essa luta, mas também pelas pessoas que necessitavam, as pessoas que até então tinha um problema, mas não tinha um médico. Então sentimos a necessidade de centralizar nossos pensamentos e a nossa fé e ajudar o próximo. Foi através da nossa união, que a gente sempre trabalhou com união e coragem, foi com isso que foi criado aquele espaço. Antes a gente não tinha o espaço para produzir os remédios, mas fomos conquistando e ganhando alguns editais, a gente ia concorrendo com outras comunidades e íamos vencendo, nós nos inscrevíamos e com um tempo chegava a resposta dizendo que a gente tinha sido contemplado com aquele projeto. Começamos fazendo os remédios e como o pessoal não tinha dinheiro para comprar a gente vendia bem baratinho, sem visar o lucro, e hoje continua assim, mesmo recebendo algum dinheiro no final do mês, não tem esse negócio de saber quanto

lucramos. Nós trabalhamos gratuitamente para o nosso povo, para o bem da nossa comunidade porque o pessoal gosta e querem se tratar e cuidar da vida. E isso é muito importante, e eu sei que nós já salvamos várias pessoas de vários problemas e sem contar que hoje nós fabricamos só os remédios, mas antes nós trabalhávamos com as nossas energias também, o método era chamado bioenergético, através da nossa energia.

Isso aí foi em 1998, eu fazia com outra colega esse exame no povo, mas era muito interessante aquilo ali, era um dom muito precioso. Ali você checava a pessoa todinha fazendo o exame em todo o corpo da pessoa, começa pela cabeça, dos olhos, tudo ali você checava cada ponto da pessoa, as vezes as pessoas chegavam lá e dizia: “Socorro, eu estou sentindo isso aqui”, aí nós vamos ver o que é, quando eu pegava uma varinha de metal, aquelas varinhas de bicicleta, e a minha energia estava boa e da outra colega estava boa, depressa você detectava o problema e ali eu já passava o chá, se tratava com o chá, e isso deu um sucesso tão grande aqui na comunidade que o povo não ia mais pra médico, aqui foi descoberto muitos problemas que a pessoa nem sabia. Teve umas três mulheres que graças a Deus se curaram, elas vieram saber um dia desses, porque eu não disse, era sigilo, eu não dizia para ninguém, era segredo, as pessoas só sabiam quando retornavam e iam fazer novamente uma avaliação e aquele problema não estava mais, aí era quando a gente poderia revelar o segredo e as pessoas ficavam admiradas.

Aí você pode perguntar assim, “Mas acabou por quê?”. Foi porque nós adoecemos com as energias da gente, saíam muito do nosso corpo entrando em contato com a energia do paciente. Tinham pessoas que não vinha em paz, sem bom humor aquela pessoa que vinha estava carregada, aí aquilo ali foi passando para nós, quando nós percebemos, estava eu doente e a minha colega que fazia comigo doente, e as outras colegas já dizia que não queria adoecer também, então nós paramos.

Ainda passamos mais de cinco anos cuidando das pessoas com esse método, tudo isso aí, é o que faz hoje esse grupo permanecer, porque muitos projetos apareceram, mas nenhum deu certo, e o nosso está com 26 anos que esse projeto de vida e saúde alternativa existe e tudo que a gente tinha e que hoje a gente ainda tem, adquirimos através dos editais, e através desses editais adquirimos também os equipamentos, porque nós não tínhamos. Tudo isso foi uma luta e por isso foram adquiridos, os

equipamentos são fogão, panela, balde, entre outros e tudo isso graças a Deus e à organização, à dedicação e à união do grupo.

A DANÇA DE SÃO GONÇALO

Além da medicina caseira eu também tenho uma forte atuação na dança de São Gonçalo. Conforme o relato repassado para mim por um dos primeiros moradores da comunidade, a dança existe aqui há mais de 100 anos. Esse morador me falava que a mãe dele já dançava e ela já fazia muito tempo que tinha falecido. E a dança surgiu na comunidade através de um grupo de mulheres e num tempo que a escassez d'água aqui no quilombo era muito grande, não tinha muito poço de água. Só tinha um poço d'água que era favorável para atender as famílias, que se chamava o poço da família Julião, porque era essa família que morava lá perto.

Eles perceberam um dia que a água estava sumindo e logo ficaram muito preocupados, e as mulheres começaram a ir lavar roupa em outras comunidades, longe. Então esse morador, da família que morava lá perto do poço, teve a ideia de convidar as mulheres e de trazer presente para aquele momento o santo São Gonçalo. Ninguém sabe o motivo, acho que foi através da fé deles que tiveram em trazer o santo São Gonçalo como Santo das Águas.

Contaram-me que eles começaram a se reunir e pensaram em fazer uma dança, juntaram as ideias e no final fizeram e programaram toda a dança e realizaram. Ninguém sabe como foi a dança, mas hoje como nós vemos é diferente – hoje é no nosso tempo e no tempo deles foi uma dança do jeito deles, que eles mesmo criaram preocupados com a escassez das águas para aqueles moradores e no sofrimento das mulheres em lavar roupa longe da comunidade. Então fizeram a primeira dança lá no poço do Manuel Julião. As antigas guias disseram que na mesma semana o poço começou a voltar água e até hoje a água do poço ainda está abastecendo uma outra comunidade perto de lá, não secou nunca mais.

Daquele período para cá a fé deles foi através das águas, mas quando o nosso povo mais novo foi aderindo àquela tradição que eles criaram tomou outro potencial na tradição, trazendo o santo agora mais para a saúde. A água foi no período deles, hoje ainda tem umas pessoas que ainda pedem a dança através das graças das águas também, mas nesse período que eu e a minha outra colega guia que estamos por frente

da Dança de São Gonçalo, nós temos pagado muitas promessas de recebimento de graças de saúde.

Participam da dança 24 dançadeiras, duas de azul que são as guias e 22 de branco e os três homens que são os mestres que ficam com o tambor, sanfona e violão.

Eu comecei na Dança em 1987, foi a primeira dança que eu dancei e não foi nem aqui na comunidade, nós já fomos pagar uma promessa de um senhor lá no Capistrano¹³. Mas eu já tinha visto a dança aqui, eu era muito observadora das tradições, e com a dança não foi diferente. Eu a observava quando eu era uma adolescente, as danças que tinha por aqui eu não dançava, mas sempre pedia o papai, e o papai era muito apegado pra eu não sair, aí eu pedia a ele pra eu ir para as danças e ver como era, aí eu comecei a ir.

A primeira dança que eu vi foi uma meia dança, que eu lembro que foi lá debaixo da mangueira de frente da escola da comunidade, foi uma meia dança que teve lá. Eu era uma menininha, mas eu já prestava atenção. Quando eu vi aquele monte de mulher de branco, com arranjos no cabelo tudo branco, e aquelas mulheres de azul, eu disse “menino essa dança é bonita”. E os homens era uma animação, hoje ainda é uma animação, no domingo que tinha uma dança na comunidade o pessoal ia mesmo, era uma promessa que o pessoal pagava. Depois desse dia eu vim acompanhando, onde tinha uma dança eu pedia o papai pra eu ir, eu fui em outra só para olhar em outra comunidade lá para as bandas... numa comunidade chamada Bananeiras. Aqui na comunidade também teve uma dança ali nos Bentos, eu estava presente. Então as danças que tinha, eu sempre gostava de estar, eu era uma menina muito metida, observando, e as outras meninas ainda ficavam tirando umas brincadeiras, mas eu ficava muito ligada na dança.

Mas eu fui despertar mais na dança porque além de eu ver – eu via aquele povo tudo tão animado –, eu encontrei na dança a fé do povo e a tradição que tinha aquelas mulheres, e via muita gente tão interessada e bonita, e isso despertou em mim aquela curiosidade de eu também fazer parte daquele grupo. Como eu era ainda uma menina, não estava bem concentrada no que eu queria mesmo, fui primeiro amadurecendo e

¹³ Cidade da região do Maciço do Baturité, próxima ao município de Baturité.

sempre acompanhando e quando foi em 1987 a guia Feliciano perguntou, "Socorro, vamos pagar uma promessa lá no Capistrano você quer ir também?" Aí eu disse: "não sei, porque meu pai não deixa eu sair para longe", mas ela disse: "eu vou pedir ao seu pai e você vai dançar".

E assim ela fez, foi lá em casa, no meu pai, aí pediu, e papai disse: "se fosse forró eu não deixava não, mas é uma dança, é uma dança da igreja", aí eu fui. Lá dancei, gostei muito. É uma dança de muito respeito, é uma dança para a gente se concentrar bem no que a gente tá fazendo, sempre levando em conta o respeito, porque ela é uma dança religiosa. Além de ser uma tradição, é uma dança religiosa.

Mas foi em 2005 – que as outras guias sempre tinham aquelas pessoas que elas confiavam, porque elas viam a pessoa interessada via a pessoa observando, respeitando, dançando e tudo aquilo ali criam nelas uma expectativa, então era assim que elas me viam, elas apostaram em mim e foi assim que elas fizeram. Em 2005 a guia Marinete adoeceu e teve um AVC, ficou sem voz, mas depois sua voz retornou – depois do tratamento – e pediu pra falar comigo. Ela pediu pra eu ficar assumindo o lugar dela como guia, porque ela não ia mais dançar, e eu fiquei com aquele questionamento na cabeça com aquela reflexão, será que eu sei? Eu organizar junto com a outra menina uma dança, é tanta gente, 24 pessoas, como é que eu dou conta disso, mas aí ela disse: "você dá, você desde quando começou a dançar, que eu vi você muito interessada, você muito presente observando tudo que nós fazíamos, por isso eu entrego a minha fita azul pra você e a minha grinalda", e eu disse: "é vamos ver se eu dou conta". Aí eu aceitei e ela ficou sempre acompanhando, a primeira dança que eu dancei como guia foi aqui no quilombo, aqui na minha casa. Isso por que eu estava doente e foi logo quando eu perdi minha mãe e fiquei com um problema. Porque quando ela morreu eu não estava em casa, eu estava pra São Paulo e pra mim foi um impacto muito grande, então pedi minha saúde a São Gonçalo e ele me atendeu e graças a Deus e São Gonçalo eu fiquei boa. Então a primeira dança que eu dancei como guia foi aqui em casa, foi um dia todinho e foi muito bom, muito animado, muita gente veio, muita comida e tudo, graças a Deus eu fiquei boa. E foi daí que eu continuei sendo a guia e até hoje eu sou guia.

A guia ela tem o papel de orientar aquelas pessoas, primeiro convidar todas as dançadeiras, convidar todo mundo da comunidade. Quando uma pessoa que vai pedir

a dança vem procurar o grupo, ela tem que falar primeiramente com a guia, e tem muito deles que vem e pergunta qual o valor da dança, e a guia tem que saber que quando é "pelo amor de Deus" não pode receber nada. Então o papel da guia nesse momento é reunir todas as dançadeiras, fazer uma reunião, uma roda de conversa, escutar todas elas e sempre junto com o dono da promessa, procurando uma solução. Às vezes quando a pessoa é mais pobre ela quer doar uma merenda um almoço aí as dançadeiras aceitam.

A guia organiza os ensaios, marca o dia que vai ocorrer e o lugar, vai fazer o ensaio com todas elas, com os tocadores explicando bem direitinho, e durante a dança a guia vai orientando todos os passos e cânticos. É a Guia que organiza todas as jornadas, orientando as dançadeiras na questão da atenção e do respeito, porque ali se você tirar a atenção, você pode errar. E foi assim que as duas guias passadas repassaram pra mim e pra outra guia.

As dançadeiras também têm uma grande confiança perante a guia. Para você se tornar uma Guia você tem que ser respeitada, não querendo ser aquela pessoa mandona, tem que ter um diálogo com todo mundo, ter respeito com todos, ter fé e uma religiosidade muito forte. Se você respeitar as pessoas, as pessoas vão te respeitar, afinal a Guia é uma liderança dentro e fora da dança.

No dia que tem dança, nós já amanhecemos o dia com um sentimento diferente, principalmente quando é de uma promessa de quem já faleceu. Todas as dançadeiras ficam com uma sensação diferente, eu não sei se é o coração, se é a mente, eu só sei que a gente não se levanta bem entusiasmada. Tudo aquilo ali tem haver por que a pessoa já morreu, mas quando é de uma pessoa que está viva sentadinha do lado de São Gonçalo, com uma vasilha para contar as jornadas – cada jornada feita é colocada um caroço de milho dentro dessa vasilha – seu coração já fica aberto, toda a jornada animada, todo mundo canta com muita garra e com muita alegria.

Quando a dança é de uma pessoa que já morreu ou algum membro da sua família que fica muito debilitado, às vezes choram, aquilo ali também pode atrair para as dançadeiras, mas dança de gente vivo, a casa é muito animada, fica logo cheio de gente e as pessoas se cumprimentam, as pessoas ficam muito felizes. Temos que estar bastante preparados.

Teve uma dança ali na Oiticica que a dona tinha falecido, teve uma das dançadeiras que chegou a desmaiar e ficou lá muito abatida, e nós nos reunimos ao redor dela e demos um copo d'água e um chá, foi quando ela se levantou e conseguiu dançar.

Então a dança para mim como Guia é um mistério. Na dança de São Gonçalo acontece coisa que você fica vendo que não tem como a gente explicar. Teve uma dança na barragem de Baturité que o senhor já tinha falecido, e ele apareceu para uma senhora em sonho e ela veio aqui na comunidade pedir essa dança, porque a barragem secou e ele fez a promessa, mas morreu e não deu tempo ser pagar. A família dele não queria aceitar o pagamento da promessa porque achava que era conversa e que isso não existia e foi uma grande polêmica da família.

Nós enfrentamos e decidimos que ia dançar mesmo assim, e no momento da dança o santo era só caindo, nem ventava, tudo parado, mas o santo continuava caindo, eu colocava em pé e ele caía de novo, tudo isso por conta da família que não queria aceitar. Nós pagamos a promessa e hoje a barragem está lá cheia de água, não secou mais.

Por isso, tem que estar bastante atento durante a dança de um falecido, porque se errar vai ter que voltar tudo pro começo, tem que fazer os passos certinhos. Quando eu saio de casa, eu já saio rezando meu tercinho e faço uma oração antes de cada dança para tudo dar certo.

Uma dança que eu dancei na Comunidade das Flores – ou foi na Otiçica? Eu não estou lembrada –, lá o pessoal não era muito religioso, mas o senhor que pediu a dança era. Durante a dança tinha umas moças sentadas num banco bem “gaiatinhas” e olhavam quando nós passávamos dançando, elas davam uma "gaitada". Nesse tempo eu ainda não era guia, na época era Feliciano e quando ela começou a cantar um cântico o banco se partiu no meio, e essas moças caíram lá no meio, ali eu vi o que acontece quando se falta com respeito a essa dança.

Além do pagamento de promessa, o que tem acontecido é que temos recebido outras formas de convite para fazer a dança. Várias vezes o prefeito manda o convite para a gente ir se apresentar em Baturité, até porque é uma dança que só existe aqui na nossa comunidade e na comunidade do quilombo Sítio Veiga, em Quixadá. Que eu saiba, é só nessas duas comunidades. Então as pessoas sentem necessidade de

conhecer, de saber o que é essa dança, tem pessoas mais velhas que nunca viram e querem conhecer, e a administração junto com o prefeito faz o convite e nós vamos. Nós já nos apresentamos na prefeitura e em outros locais, mas com um contexto diferente. A gente vai como uma apresentação cultural, só para o pessoal conhecer como é a dança. Então durante a apresentação não fazemos nem uma dança completa e nem meia dança, só umas três jornadas, nós levamos as dançadeiras que querem ir, não é exigido a presença de todas, já que é uma apresentação cultural não é obrigado todos irem. Diferente de quando é uma dança para pagar promessa, que todas têm que estar presentes. Mas mesmo sendo uma apresentação cultural todo mundo tem que respeitar, nós exigimos respeito durante a nossa apresentação.

Então na dança de São Gonçalo eu pretendo, enquanto eu puder me movimentar, minha cabeça estiver boa, eu quero continuar, levando em conta também que eu e a outra guia, a Sula, vamos repassar toda essa cultura para os mais novos, principalmente porque somos uma comunidade quilombola e temos que preservar, valorizar e repassar para a nova geração essas tradições e esse é o meu dever como guia, dançadeira e liderança dessa comunidade, que desde a minha adolescência que já faço essa missão.

DESPEDIDAS

Com todas as dificuldades, posso dizer que tivemos muitas conquistas, sempre através de muita luta e resistência. Por isso hoje, graças a Deus, nós temos um reconhecimento muito grande fora do nosso território. Em 2009, como a nossa história vem de muito tempo, fomos nos descobrindo mais em relação ao quilombo e fomos juntando as peças. Foi quando apareceram alguns editais e prêmios e nos inscrevemos, e o primeiro que ganhamos foi o prêmio Maria Isabel¹⁴ que eu, o professor Evandro e mais umas três pessoas, nos reunimos e ele disse que iríamos nos inscrever nesse edital. Mesmo sabendo que eram muitas comunidades que estavam concorrendo, decidimos nos inscrever, e no caso era meu nome que ia ser colocado no edital para concorrer com a tradição da dança de São Gonçalo.

¹⁴ O prêmio é o Prêmio Culturas Populares do MINC que teve várias edições, e no ano de 2009 homenageou a mestra ceramista do Vale do Jequitinhonha, Maria Izabel, ao adotar seu nome na edição. O prêmio se voltava para a premiação da atuação de mestres e mestras e de grupos/comunidades praticantes de expressões das culturas populares brasileiras.

Nesse tempo nós da dança de São Gonçalo não tínhamos as vestes adequadas, não tínhamos os arranjos de cabelos adequados, não tinha instrumentos, tudo era instrumentos pegado emprestado, e foi isso que o professor Evandro colocou no edital. E quando foi um dia ele ligou para mim dizendo que a gente tinha ganhado o prêmio e logo nos reunimos e o prêmio era de 20.000 e esse dinheiro foi tão bem-vindo que ele multiplicou. Juntamos todas as dançadeiras e com o dinheiro do prêmio compramos todas as roupas, as fitas e grinaldas, os instrumentos e ainda teve um saldo bom que nós começamos a construir o ponto de cultura da nossa comunidade.

Em 2018 eu recebi o título de Mestra dos Saberes e das Culturas Populares pela câmara dos vereadores de Baturité, que foi os vereadores, alguns deles amigos da comunidade, durante suas visitas na comunidade viram a minha participação aqui no quilombo, nos eventos e na referência como pessoa e liderança na medicina caseira, na dança de São Gonçalo, na animação da comunidade e na igreja, e decidiram me reconhecer como mestra da cultura pela atuação que tinha dentro do quilombo, em todo o município de Baturité, como também em Fortaleza. Então eu fui, recebi uma homenagem e o título. E com isso estou aqui levando em frente toda essa minha luta e trajetória dentro da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo.

Em agosto eu completo 58 anos e pretendo sempre, na medida do possível, estar aqui no quilombo, não pra desanimar, mas para lutar mais e mais, para ir à busca de mais conquistas, preservar nossa cultura, nossa tradição, nossa crença e sempre ter esse sentimento de pertencimento. E é isso que está sendo deixado para as novas gerações, para que elas valorizem tudo o que tem de bom na comunidade e aprendam a história política da comunidade e que tudo isso fez com que nossa comunidade fosse reconhecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José Márcio e ZIVIANI, Paula. O programa cultura viva e a diversidade cultural. In: BARBOSA, Frederico e CALABRE Lia (Orgs.). **Pontos de cultura: olhares sobre o Programa Cultura Viva**. Brasília: IPEA, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOQUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiapórico**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018.

CARVALHO, José Jorge de. Sobre o *Notório Saber* dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. **Cadernos de Inclusão**, Brasília, n.8, 2016.

CÉLIO TURINO - O Brasil de baixo para cima (Entrevista). **Blogacesso**, dez., 2009. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=2046>> Acesso em 15 dez. 2016.

GOULART, Bruno. Notório saber para os(as) mestres(as): caminhos para o reconhecimento institucional dos saberes tradicionais. **Revista Mundaú**, v. 2, número especial, p. 144-167, 2021.

GUIMARÃES, César; et al. Por uma universidade pluriépistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, nº 2, p. 179-201, jul./dez., 2016.

HARTMANN, Luciana; CARVALHO, José Jorge de; SILVA, Renata de Lima; ABREU, Joana. Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras. **Repertório**, Salvador, ano 22, n. 33, p.8-30, 2019.2.

INCTI. **Encontro de Saberes nas Universidades**: atualização 2010-2018. Brasília: INCTI/UnB/CNPq, 2019.

LIGIÉRO, Zeca. O conceito de 'motrizes culturais' aplicado às práticas performativas afro-brasileiras. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 8, nº 16, jul./dez. 2011

QUEM SOMOS. **Kolping Brasil – site oficial**. Disponível em: < <https://kolping.org.br/>> Acesso em 13 nov. 2023.

